

# OS IDEAIS DA BULIMIA: AS RESSONÂNCIAS DOS IDEAIS DA CULTURA NOS IDEAIS DA BULÍMICA

Jovani Antonio Secchi\*

Regina Perez Christofolli Abeche\*\*

**RESUMO:** Este artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica acerca da bulimia, dentro de uma perspectiva psicanalítica. Descreve a ressonância dos ideais da cultura contemporânea na psicodinâmica da bulímica. Para isso, buscou-se identificar quais as características da cultura pós-moderna, bem como os valores por ela disseminados. Pois, ao se abordar o respectivo tema da bulimia, considerou-o, além de seus aspectos biopsíquicos, como também emergente das relações ideológicas da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideais da Bulimia; Ideais da Cultura; Psicodinâmica; Psicanálise.

## THE IDEALS OF BULIMIA: REPERCUSSIONS OF THE IDEALS OF CULTURE ON BULIMIC ONES

---

\* Psicólogo; Pós-graduado em Saúde Mental e Intervenção Psicológica; Especialista em Teoria Histórico- Cultural. E-mail: [jovemsec@hotmail.com](mailto:jovemsec@hotmail.com)

\*\* Doutora em Psicologia; Docente da Universidade Estadual de Maringá - UEM; Psicóloga. E-mail: [abeche@wnet.com.br](mailto:abeche@wnet.com.br)

**ABSTRACT:** A bibliographical study on bulimia within a psychoanalytic perspective is provided. The essay describes the repercussion of the ideals of contemporary culture on bulimic psychodynamics. The characteristics of post-modern culture and their values are identified. An approach on the bulimia takes into consideration not only the biopsychic aspects but also its emergence from society's ideological relationships.

**KEYWORDS:** Ideals of bulimia; Cultural ideals; Psychodynamics; Psychoanalysis.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo visa analisar as possíveis ressonâncias dos ideais da cultura pós-moderna na psicodinâmica da bulímica e, conseqüentemente, investigar se os ideais bulímicos surgem como adesão aos ideais da cultura. Além de ser uma pesquisa bibliográfica, o presente artigo fundamenta-se na Psicanálise e em autores como Bauman e Dufour, que contribuem na compreensão da cultura pós-moderna.

Para tal propósito, discorreremos primeiramente sobre as características da cultura pós-moderna e seus valores e, na seqüência, será descrito, de forma breve, a psicodinâmica da bulímica e seu circuito de ideais, para então finalizarmos com a análise da ressonância dos ideais da cultura sobre os ideais da bulímica.

## 2 CULTURA PÓS-MODERNA E SEUS VALORES <sup>1</sup>

Na leitura de Freud (1930), cultura designa a soma das operações e normas que distanciam nossa vida dos nossos antepassados e atende a dois fins: proteger o homem contra as forças da natureza e regular os vínculos entre os homens. Logo, reconhece como cultura todas as atividades, ideias e valores que são úteis à vida /sobrevivência dos seres humanos [...]

Lisondo (2004) discorre sobre a influência da cultura na subjetividade. Narra a importância dos mitos familiares, histórias transgeracionais, regras e ideais na formação dos indivíduos.

Para Dufour (2001, p. 1), o que caracteriza o surgimento da cultura pós-moderna é o “esgotamento e o desaparecimento dos grandes discursos de legitimação”, em outras palavras, as forças de sustentação da modernidade clássica, tais como os discursos religiosos e políticos, desapareceram. A pós-modernidade “des-simboliza o mundo” (DUFOR, 2003, p.2). A pós-modernidade, segundo Dufour (2001, p. 2) é caracterizada pela falta de um “enunciador coletivo<sup>2</sup>”, de um “em nome de<sup>3</sup>”, que sirva de parâmetro/referência. Com isso, o que temos é um sujeito obrigado a se constituir por si próprio, sem referenciais para legitimar e orientar suas escolhas. No entanto, o ser humano deve sua substância à existência de Outro, seja ele natureza, seja pelas ideias, Deus, etc. E, remetendo-se ao “nome do Outro” de Lacan, Dufour (2001, p. 3) aponta para a necessidade de haver uma submissão do ser humano ao Outro, pois o

---

1 O objetivo desse trabalho não foi analisar se estamos ou não na pós-modernidade, mas descrever algumas características presentes na contemporaneidade.

2 Termo utilizado por Dufour (2001, p. 2)

3 Termo utilizado por Dufour (2001, p. 2)

mesmo é constituinte da “substância humana”, antes de libertar-se desse Outro.

Um valor marcante da sociedade atual é o consumo, pois a finalidade do mercado vigente é transformar o indivíduo em um eterno consumidor, alienando-o de sua capacidade de refletir sobre o objetivo de seu consumo. Nesse contexto, a mercadoria tem de ser renovada constantemente, a fim de tornar-se um inesgotável atrativo ao consumidor. Bauman (2001) expõe que o consumo não está voltado para a satisfação das necessidades físicas, mas, sim, para uma apropriação da imagem representada no produto, fazendo com que o consumo seja alimentado por ilusões de um desejo já capturado pelo mercado.

Para Lisondo (2004, p. 337), a sociedade pós-moderna, vista como sociedade do consumo, transforma o *real* em espetáculo, de forma a falsear as representações desse real. “A verdade é soterrada, a violência social é banalizada, a insignificância avança” (LISONDO, 2004, p. 337). Ainda sobre a sociedade do consumo e espetáculo, Abeche (2008) ressalta que os desejos de ter e ser admirado tornam-se critérios importantíssimos de julgamento e decisão. A autora sustenta que a subjetividade, na cultura vigente, tem se constituído a partir do imperativo do gozo, fazendo com que o gozar torne-se norma de comportamento.

Para isso, na pós-modernidade, a felicidade está diretamente relacionada à proporção de liberdade que se possui. Com isso, essa ideia se oporia ao conceito vigente na modernidade, pela qual, para se obter felicidade no coletivo, se deve abdicar de parte da liberdade.

Esse contexto do consumismo nos remete ao conceito de fluidez, anunciado por Bauman (2001). Para ele, o novo tempo é marcado por

ser líquido observado nos títulos dos livros redigidos pelo autor: “Amor Líquido”, “Vida Líquida” e “Medo Líquido”. Acrescenta ainda que o tempo e espaço deixem de ser importantes, pois podem ser conquistados e desprezados em pouca fração de tempo. Pautada nessas leituras, Abeche (2008) observa que as relações afetivas na atualidade estão dotadas de superficialidade, privilegiando-se o prazer imediato, contrapondo-se a uma construção amorosa que demanda elaboração mental, ou seja, a capacidade de vivenciar prazeres e sofrimentos necessários para a constituição de uma relação, na qual se reconheçam as diferenças/ alteridade e as limitações/ finitude.

Além do mais, para Abeche (2008), a subjetividade, na pós-modernidade, é algo típico da cultura do narcisismo de morte<sup>4</sup>, pois as relações se tornaram indiferentes e esvaziadas. Tal fato ocorre em função da cultura transformar o sujeito em massa amorfa, desconsiderando sua história, sonhos e visões para o futuro. Abeche (2008) conclui que o indivíduo acaba sendo sucumbido em uma subjetividade imposta através da sociedade do consumo e do espetáculo.

Ao referir-se ao contexto familiar, Costa (2006) afirma que é de extrema importância entender a forma de funcionamento da moral do consumismo, pois ela altera significativamente o sentido da apropriação de um bem material para a história familiar, ou seja, faz do consumo algo desprovido de significado moral, e mais, faz com que os indivíduos definam suas identidades pela ostentação e acumulação de bens e serviços. Dessa forma, há uma desapropriação das lembranças que estão gravadas na

---

4 Para Green (1988) “A completude narcisista não é signo de saúde, mas miragem de morte. Ninguém é sem objeto. Ninguém é o que é sem objeto” (p. 211). O autor ainda afirma que “a identidade não é um estado, é uma busca do eu que só pode receber uma resposta reflexiva através do objeto e da realidade que a refletem” (GREEN, 1988, p. 43)

materialidade dos objetos, como a “evocação de episódios sociais, afetivos e espirituais dignos de rememoração, como nascimentos, batizados, casamentos, aniversários, bodas, formaturas, funerais etc” (COSTA, 2006, p. 5), tornando irrelevante e decadente o que deveria ser duradouro.

O que se observa, na adolescência, de acordo com Katz e Costa (1996, p. 338), é que os jovens não têm obtido o apoio das gerações mais velhas, pois tem ocorrido um enfraquecimento da transmissão dos saberes dos antepassados e das respostas, tanto que há uma dificuldade, dos indivíduos, para tornarem-se singulares. E mais, são obrigados a ingressarem em uma cultura com ideias fluidas, na qual a família se apresenta como algo fragmentado e com tendências a centrifugar os valores; além disso, a comunicação entre seus membros tem se mostrada desapropriada, pois não se interliga.

### **3 ETIMOLOGIA DA BULIMIA**

A etimologia da palavra bulimia vem do vocábulo grego *boulimia*, que significa *fome devorante* (FERNANDES, 2006). Tal palavra é composta pelo prefixo *bou*, que significa boi, e de *limos*, que significa fome, significando literalmente “*fome de boi*”. Dessa forma, tal significado coaduna com o entendimento popular de *fome de lobo* ou *fome canina*.

Couvreur (2003) relata que a bulimia já era conhecida desde a antiguidade grega, no entanto, o nome alusivo era “*cinorexia*”, que se caracterizava por um quadro patológico de hiperfagia impulsiva, acompanhada de vômitos; e afirma que as primeiras menções à bulimia foram encontradas nos escritos médicos da literatura anglo-saxônica e

datam do início do século XVIII. Além disso, a autora cita Blankaart, em 1708, como sendo o primeiro anglo-saxão a fazer referência à bulimia; conceitua-a como um “apetite extraordinário”, acompanhado de uma “fraqueza de espírito.”

De acordo com Fernandes (2006), a bulimia se caracteriza pela ingestão de uma grande quantidade de alimento, frequentemente hipercalóricos, de forma impulsiva e voraz, geralmente às presas e às escondidas. Esses acessos são acompanhados de um estado de excitação e, na sequência, surge um mal-estar e vergonha, que:

Podem ser acompanhados de adormecimento e de vômito provocados, que se tornam, com o passar do tempo, mais ou menos automáticos. Esses episódios bulímicos podem durar muitas horas e se repetir várias vezes ao dia. Os alimentos ingeridos são freqüentemente os mais acessíveis, podendo ser qualquer coisa, geralmente misturados de forma anárquicos. Em alguns casos, trata-se de uma alimentação regressiva, de ingestão fácil, ou, ainda, de alimentos derivados do leite (manteiga, chantilly), mas sem grande sabor nem odor; em outros casos, ingere-se o mesmo tipo de alimento, por exemplo, somente salgados ou somente doces. (FERNANDES, 2006, p. 76)

Além dos vômitos, essa ingestão alimentar é acompanhada por outros comportamentos inadequados, tais como usos indevidos de laxantes e diuréticos, a realização de exercícios ou até mesmo jejuns de forma excessiva, no entanto, sem haver a constatação da perda de peso, de forma tão significativa, quanto à anorexia. Tais episódios podem ter uma duração de várias horas ou serem repetidas várias vezes durante o mesmo dia, conforme assinala Fernandes (2006).

Fernandes (2006) alerta-nos que a bulimia, assim como anorexia, se encontra próximo de diversos eixos psicopatológicos, tais como: neuróticos, psicóticos, perversos e psicossomáticos e que é comum a ligação com a depressão ou tendências depressivas, bem como fazer partes de quadros *boderlines*. Assim, a variação da gravidade entre os casos é muito grande, mas que o uso de laxantes, diuréticos, exercícios físicos intensos pode levar ao surgimento de problemas orgânicos graves, a ponto de culminar com a morte.

### **3 A RELAÇÃO ENTRE AS PRIMEIRAS RELAÇÕES OBJETAIS E OS TRANSTORNOS ALIMENTARES**

Na sequência será apresentada uma síntese da relação entre as primeiras relações objetais e os transtornos alimentares de acordo com Fernandes (2006).

A autora apresenta-nos as ideias de P. Jeammet (1999), o qual afirma que os jovens com transtorno alimentar não possuem uma estrutura estável, seja ela de vertente histérica, paranóica, melancólica ou perversa, mas que possuem arranjos defensivos em resposta a um movimento regressivo por não conseguirem se estabilizar em torno de uma zona erógena precisa. Dessa forma, a fragilidade narcísica e a luta contra os processos introjetivos apoiar-se-iam sobre uma realidade externa perceptivo-motora, e não sobre as representações internas dos afetos.

Parafraseando P. Jeammet (1999) aponta que a instabilidade da organização psíquica ocorre devido ao fracasso das primeiras internalizações, que assegurariam a construção das bases autoeróticas



e, dessa forma, deixaria a criança sem recursos para poder lidar com a ausência do objeto; e das bases narcísicas, que garantiriam os recursos internos que possibilitariam um sentimento de segurança e continuidade à criança.

Em concordância, complementa tais ideias, afirmando que as perturbações dessas internalizações precoces podem ocorrer devido à ausência traumática do objeto e também de um reflexo das “dificuldades ou descontinuidades no exercício da *função de pára-excitação materna*, particularmente em sua dimensão de *libidinização* do corpo do bebê” (FERNANDES, 2006, p. 205-206). Acrescenta que as perturbações dessas internalizações podem impedir ou dificultar as condições que possibilitariam as fusões das pulsões. A precariedade da fusão pulsional favorece o surgimento dos transtornos alimentares.

Dada a importância da função de paraexcitação para desenvolvimento da criança, a autora esclarece:

Ora, a função de pára-excitação da mãe só será parcialmente substituída pela sua introjeção. Essa introjeção é que irá assegurar, na ausência da mãe, a possibilidade de um apaziguamento através da constituição de um objeto interno capaz de garantir o enfrentamento das adversidades ao longo do crescimento. É graças a essa mediação, (...), que a criança adquire um conhecimento de seu corpo, de suas sensações, de suas necessidades e de seus afetos. É essa mediação que organiza o contato da criança com seus amores e seus ódios, sua capacidade de amar e de destruir, de vincular-se ao outro ou de isolar-se, mas também de promover o prazer e de suportar o sofrimento. (FERNANDES, 2006, p. 2006)

Dessa forma, a função de paraexcitação da mãe exerce o papel de *protetora, mediadora* e também de *libidinizadora*. E principalmente seu papel

libidinizador possibilitará a fusão das pulsões na criança.

Foi reconhecido por vários psicanalistas, Freud, Ferenczi, Abraham, Melanie Klein, dois mecanismos: projeção e introjeção, que fazem parte do desenvolvimento normal de todo sujeito e da forma como um bebê aprende o mundo. Vale ressaltar que é a forma como o sujeito apreende o mundo que irá constituir em sua estruturação psíquica, dispondo de modos de proteção contra as ameaças internas e externas. As ameaças externas são os perigos que concernem ao mundo que cerca o bebê, já as ameaças internas dizem respeito às sensações que vêm do interior do próprio corpo, tais como fome, frio, dor, calor, etc.

Portanto, os dois mecanismos, a projeção e a introjeção, é que auxiliarão o bebê a discernir o que é proveniente do mundo interno ou do mundo externo, distinguir o que é uma percepção objetiva de uma vivência subjetiva. E mais, a partir desses dois mecanismos, o bebê poderá utilizá-los como recursos disponíveis, para expulsar os afetos e sensações desagradáveis que surgem no seu interior e, ao mesmo tempo, para absorver o que está fora na tentativa de suprir suas necessidades. Assim, é a partir desses mecanismos que ocorre o início das comunicações e as trocas do mundo interno e externo ao infante.

Pontua que os mecanismos de projeção e introjeção não servem apenas como meios de proteção, mas também como mecanismos que favorecem a constituição da subjetividade, que delimitam as diferenças entre o corpo e o mundo externo.

No entanto, antes de darmos procedimento ao estudo desses mecanismos com os transtornos alimentares, faz-se necessário distingui-los do termo incorporação. Segundo Fernandes (2006), Freud apontou

para a oposição introjeção/ projeção como mecanismos que se organizam na oralidade, portanto a necessidade de diferenciá-los de incorporação. A incorporação seria um mecanismo característico da fase oral, mantendo uma estreita relação com a atividade bucal e ingestão de alimento. Já a introjeção, embora faça parte da oralidade, não se limita à atividade oral propriamente dita, portanto não é exclusiva da fase oral.

A autora remete a J. Laplanche e J. B. Pontalis (1967), para auxiliar na compreensão da distinção entre introjeção e incorporação. Para eles, a incorporação exerceria a função do limite corporal de separar o interior do exterior; já a introjeção seria algo mais amplo, que possibilitaria, não só a separação do interior do exterior do corpo, mas também a separação de uma instância de outra no interior do próprio aparelho psíquico.

Além do mais, ambos fazem parte da identificação primária e remetem à relação pré-edípica do bebê com a mãe. Assim, seria a partir da identificação que a criança se ligaria ao objeto materno, anterior ao Édipo. Tal identificação, segundo Freud, seria necessária para que o sujeito pudesse se constituir a partir dos resquícios, nos mais diversos níveis, a partir da relação com a alteridade.

No entanto, Fernandes (2006) esclarece que é a partir da introjeção que se obterá uma integração das pulsões e assim uma expansão do campo psíquico. Além do mais, para que ocorra essa integração, torna-se necessária a mediação do objeto, pois, se objeto falhar na sua função de *paraexcitação* (função essa de *proteção, mediação e libidinização*), o mecanismo de introjeção não pode ser processado. Assim, conclui a autora, antes de ocorrer a introjeção do objeto ou das pulsões, deve ocorrer a “*introjeção da função de pára-excitação materna. Sem essa introjeção, o processo identificatório primário fica restrito à incorporação*” (FERNANDES, 2006, p. 210).

Tamanha a importância da introjeção da função materna de paraexcitação que a autora esclarece:

As dificuldades da mãe no exercício da sua função de pára-excitação dificultam o caminho em direção à introjeção dessa função, pois, (...), a função de pára-excitação da mãe só será substituída pela sua introjeção. É essa introjeção da *função de pára-excitação materna* que irá garantir a constituição de um objeto interno que, na ausência da mãe, mais tarde, será capaz de assegurar as possibilidades de enfrentar os excessos e adversidades inerentes ao crescimento e à aquisição da autonomia. (FERNANDES, 2006, p. 210)

Conforme já anunciou Fernandes (2006), nos transtornos alimentares é notória a precariedade da fusão pulsional, e tais condições ocorreriam como “fruto das dificuldades *na introjeção da função de pára-excitação materna*, particularmente no seu aspecto *libidinizador*” (FERNANDES, 2006, p. 210).

Ao seguir esse eixo de pensamento, os transtornos alimentares seriam decorrentes do fracasso da integração das pulsões, por não ter ocorrido a introjeção da função de pára-excitação materna. Assim, conclui Fernandes (2006) que o sujeito fica sem recursos para poder lidar com as pulsões, o que o torna exposto à necessidade de incorporar o objeto. Ou seja, na bulimia, a identificação primária se restringiria à incorporação do objeto - seu protótipo corporal - não ocorrendo a introjeção.

Posto de outra forma, a autora identifica os efeitos no psiquismo tanto da incorporação quanto da introjeção. Enquanto a introjeção “permitirá ao sujeito restringir a sua dependência do objeto, a incorporação do objeto, ao contrário, cria e reforça a ligação objetal imaginária” (FERNANDES, 2006, p. 212).

Dessa forma, a bulimia seria uma forma de representar essa tentativa

de refusão das pulsões que não foram integradas. Para isso, buscaria ligar as pulsões, através dos excessos alimentares que causam sofrimento ao corpo, dos vômitos e dos exercícios físicos excessivos. O que evidencia as dificuldades da identificação primária que, como já supracitado, refere-se à introjeção e incorporação.

### 3.1 O CIRCUITO DOS IDEAIS DA BULIMIA

É a partir dessa apresentação do estabelecimento das primeiras relações objetais da bulímica, que pretendemos identificar alguns dos ideais que prevalecem no respectivo transtorno alimentar. Como visto, esse transtorno não tem uma estrutura definida, mas um arranjo, denominado estado-limite ou *borderline* (BUCARETCHI, 2003).

Fernandes (2006) afirma que, nos quadros bulímicos, há a prevalência da incorporação do objeto, no qual o sujeito fica ligado ao objeto imaginário, sem ocorrer a introjeção.

Bucarechi (2003) especifica o quanto é marcante a dependência do sujeito limite em relação ao objeto, pois esse “objeto de apoio funciona como seu ego auxiliar e também como seu superego auxiliar” (p. 33), portanto, a grande angústia do *borderline* é a de separação (perda do objeto) e a de intrusão. Assim é insuportável para o *borderline* a angústia de poder perder esse objeto de dependência. Além do mais, diferente do neurótico que teve uma identificação, o *border* tem uma identidade confusa, já que não prevalece a realização do seu desejo, pois submeteu seu desejo ao desejo do outro e será o outro que saberá dele, bulímico. Tanto que, afirma o autor, a prevalência da angústia de se separar, ou ser abandonado pelo outro, é o ponto nodal da bulimia (transtornos alimentares).

É a partir desse cenário, no qual se relata a notória vinculação da bulímica ao desejo do outro, em função da não introjeção da função de paraexcitação materna, que daremos início sobre o circuito dos ideais da bulímica.

A primeira investigação está relacionada ao anseio da bulímica pela busca da imagem ideal de si, a partir da busca do olhar do outro, que, segundo Jeammet (2003), tem lugar de destaque na regulação narcísica desses sujeitos.

Jeammet (2003) afirma que as bulímicas mantêm uma mesma forma de funcionamento para lidar com coisas distintas, de modo a manter uma ligação análoga entre a maneira de lidar com as pessoas e os alimentos, podendo, com a mesma intensidade, buscar uma proximidade como rejeitá-los.

Para o autor, além dessa característica da bulímica lidar de forma simétrica com coisas antagônicas, tais como alimento e pessoas, há ainda uma forma de funcionamento de grande instabilidade, expresso nas grandes oscilações entre tudo ou nada. Por isso, em um primeiro contato, as pessoas se depararão com moças, ou jovens mulheres, charmosas, com disponibilidade libidinal, sedutoras, naturalmente, podendo-lhes atribuir a condição de histérica. Podem ainda obter um grande nível de estudo, de sucesso profissional, dentre outros, no entanto, por trás dessa aparência há uma pessoa envergonhada por seus rituais canibalescos de ingestão de alimentos.

É a partir desse jeito sedutor, segundo Jeammet (2003), que essas moças se tornam extremamente sensíveis à qualquer decepção ou rejeições de seu interlocutor e mesmo intolerantes ao investimento transferencial.

Desse modo, o comportamento das bulímicas acaba sendo bastante instável, oscilando de forma extrema entre a constatação de terem sido sedutoras e a de terem sido rejeitadas. Essa condição de sensibilidade e vulnerabilidade à relação, de dificuldades de estabelecer limites nos contatos é também a principal característica desses indivíduos.

Além do mais, aponta Jeammet (2003), essa extrema sensibilidade para entrar em contato nas relações é acompanhada de uma relativa indiferença para com esse outro, não conseguindo perceber a alteridade do interlocutor, o quanto ele é diferente. Isso porque o outro exerce a função de afirmar “as qualidades e a beleza da bulímica, do narcisismo primário da paciente, que se encontra ausente, vazio”.

É importante destacar que essa característica da bulímica de não reconhecer a alteridade, em função de não conseguir perceber o outro enquanto um ser diferente de si mesmo, além da recusa da realidade humana, tais como recusa das necessidades, da vulnerabilidade e da morte, apontada por Fernandes (2006), também compõe o circuito dos ideais da bulímica.

Dando vigência ao tema em pauta, Jeammet (2003) ressalta que as relações da bulímica se caracterizam por uma eterna busca de um objeto que possa ser consumido, no qual possa se apoiar. E isso se justifica em função de uma excitação interna que precisa ser acalmada a partir desse encontro com o objeto; no entanto, tal encontro só agrava o mal-estar interno, o que obriga a bulímica a fugir, rejeitando esse contato com o outro.

E essa “apetência objetal”, necessidade de encontrar o objeto para o consumo, segundo o autor, irá dominar as relações, manifestando-se

desde o primeiro contato com a bulímica. Isso ocorreria em função de sua fragilidade das regulações narcísicas, que também podem ser observadas, além dos relacionamentos objetivos já descritos, “no olhar que elas lançam sobre si mesmas e em suas relações com sua própria imagem” (JEAMMET, 2003, p. 111).

Mas, tal avidez por relacionamentos narcísicos, lembra Jeammet (2003), é a marca de uma insuficiência das internalizações. Internalizações, que possibilitariam as bases para o narcisismo, o processo de diferenciação e o reconhecimento dos limites. Portanto, as bases narcísicas dessas pacientes são “amplamente sustentado por objetos externos conforme modalidades que combinam em proporções variáveis a dimensão de apoio e de duplo” (JEAMMET, 2003, p. 111).

Tamanha é a dependência da bulímica em relação a esse objeto externo para a manutenção de sua autoestima, que o autor esclarece:

Esta falta de auto-estima traduz-se pelas atitudes de denegrimiento que adotam em relação ao seu interior, marcadas freqüentemente por uma forte conotação anal, ou pelo vivido de vazio e insignificância. O resultado é uma dependência comum em relação à fonte de valorização externas, mas também sua extrema vulnerabilidade, refletindo sua sensibilidade e sua dificuldade em encontrar a distância relacional correta, oscilando de dependência notória, mais idealizante do que passional, ao retraimento com tonalidade autística. (JEAMMET, 2003, p. 111-112)

Segundo o autor, essas condições estão relacionadas às dificuldades de ligação da criança com os seus objetos parentais. É plausível a possibilidade de ter ocorrido uma relação de proximidade com a figura paterna, mas muito mais como uma forma de contrainvestimento do



apego à mãe do que uma relação de qualidade estruturante com o pai. Além do mais, durante esse desenvolvimento da bulímica, essa condição seria agravada pela posição contraedípica paterna, o que acentuaria, ainda mais, a ideia do incesto. Este também seria reforçado a partir de condutas de sedução, que seriam praticados por diferentes sujeitos masculinos do grupo familiar.

Assim, esse “confronto edípico” serviria mais como um fator desorganizador, transparecendo a falta da relação com a figura materna, que se caracteriza por decepções e desilusões narcísicas. Além do mais, esclarece Jeammet (2003), colocaria em xeque os próprios recursos do sujeito, desvelando precocemente a importância dos objetos externos de investimentos.

Para Aulagnier, citado por Jeammet (2003), a ruptura do “contrato narcísico”<sup>5</sup> pode ocorrer em função de várias situações: “nascimento de um irmãozinho, depressão materna ou descompromisso da mãe em uma das etapas maturativas da criança, freqüentemente em torno dos dois anos, durante a subfase de aproximação do processo de separação-indivuação [...]” (JEAMMET, 2003, p. 112-113).

Para Jeammet (2003), em função da ambivalência do investimento materno, alimentado por uma imagem negativa da feminilidade e um fundo depressivo, culminaria em uma mancha no investimento “narcísico da menina com uma ambigüidade originária e ancorada no mais profundo de si uma insatisfação crônica” (JEAMMET, 2003, p. 112-113). Dessa forma, duas consequências surgiriam, em função da ausência desse investimento narcísico primário, na criança: primeiro, o “dano das capacidades de

---

5 Termo próprio do autor Jeammet (2003, p. 112).

desenvolver recursos autoeróticos suficientes em torno das zonas erógenas e ligadas à qualidade das relações objetais” (JEAMMET, 2003, p. 113); já o segundo dano está na necessidade de delegar aos objetos externos o “cuidado de suportar uma parte importante da regulação do narcisismo” (JEAMMET, 2003, p. 113).

Portanto, esses objetos externos, que seriam necessários para a manutenção da autoestima da bulímica, por serem traumáticos, não oferecem uma fonte econômica importante para a revitalização do narcisismo dessas crianças, que acabam por ficar sem um verdadeiro suporte para a constituição do seu ideal de Ego e, dessa forma, eles servem mais como:

[...] objetos anaclíticos, curativo externo das feridas de seu ego, ocupando a função que deveria ser a de seu autoerotismo, ao mesmo tempo guardião de sua coesão e fonte de excitação necessária a seu apetite de viver. A relação de dependência é característica de suas modalidades objetais, e avaliá-las, sem considerar o papel econômico essencial dos objetos externos, é lhes conceder uma autonomia interna que não têm e ignorar a especificidade dessa fonte de instabilidade. (JEAMMET, 2003, p. 114)

Para findar tal exposição, o autor afirma que, para os bulímicos, a imagem do corpo se torna um ponto de fixação importante, principalmente pelo seu componente narcísico, pois nele se encontra a falha da função de espelho da mãe e, ao mesmo tempo, a busca da imagem ideal. Dessa forma, “A imagem de si, e o que ela supõe de busca do olhar do outro, ocupa uma posição central na regulação narcísica desses sujeitos” (JEAMMET, 2003, p. 114), transformando a prevalência da exterioridade em um dos eixos essenciais do agir bulímico.

Dando vigência à investigação sobre os ideais da bulímica, remetemo-nos ao texto de Fernandes para diferenciar o conceito de “ego ideal” do conceito de “ideal de ego”. Para J. Laplanche e Pontalis (*apud* FERNANDES, 2006), o ego ideal é constituído a partir dos ideais que são modelos do narcisismo infantil. Assim, explica Fernandes (2006): “nele o sujeito se define como seu próprio ideal, numa relação eminentemente dual com sua imagem, como salientou Lacan no seu ensaio sobre o estágio do espelho” (p. 201). Já no ideal do ego, a autora esclarece:

[...] o sujeito não é seu próprio ideal; este é algo que o transcende e ao qual ele deseja atingir. Lacan insiste que nesse caso a relação não é mais dual, mas triangular, estando o sujeito marcado pela instância paterna em sua subjetivação. A marca da figura paterna no psiquismo da criança vai permitir contornar os impasses colocados pela relação com a mãe, criando as condições de possibilidade da abertura do sujeito para uma posição desejante. (FERNANDES, 2006, p. 201)

Tamanha a importância da presença do ideal do ego para tornar o sujeito um ser desejante que S. Alonso, apresentado por Fernandes (2006), afirma que o mesmo surge em função do recalque, como um resto do complexo de Édipo, permitindo a temporalidade entre o passado, presente e futuro. É o ideal de eu, complementa o autor, que irá permitir a criação de laços sociais, abrindo espaço para o desejo. E mais, é ele quem nos lançará para frente sem que precisemos fazer um caminho da regressão em relação ao eu ideal, pois, se o mesmo prevalecer, o desejo morre e ficaremos à mercê de pulsões que ameaçam devorar o eu.

Dessa forma, Fernandes (2006), ratificando as ideias do autor, conclui que é somente a partir da passagem do ego ideal para ideal do ego que surgirá a dimensão do tempo e, assim, criando caminho para o desejo, as contradições e as interdições. Por isso, pode-se afirmar que o bulímica,

bem como a anoréxica, estão inscritas unicamente no campo do ego ideal, faltando-lhes as inscrições no campo do ideal do ego (p. 201-202).

Em função dessa não inscrição do sujeito bulímico no campo do ideal do ego, que é responsável pelo surgimento da temporalidade, do desejo e da realidade, é que decorre, de acordo com Fernandes (2006), uma persistente recusa da morte e do tempo, rejeitando a realidade de um corpo mortal e finito.

Para a autora, em função dessa ausência do ideal do ego, os portadores desses transtornos alimentares recusariam a realidade humana em todos os seus aspectos mortais e eróticos e, dessa forma, viveriam uma realidade criada pela fantasia onde o corpo seria indestrutível, recusando-se a ver a própria vulnerabilidade do mesmo. Com isso é possível constatar, afirma Fernandes (2006), que há uma estreita relação entre o sentimento de onipotência e a recusa da realidade do próprio corpo, ou seja, tais valores predominantes estariam atrelados a um ego ideal, bastante poderoso, que manteria o sujeito na ilusão de um corpo perfeito, inatingível pela morte ou pelo tempo.

Essa predominância dos valores do ego ideal, que recusa a realidade do corpo e suas limitações, acaba sendo, simultaneamente, uma recusa da própria morte, do tempo e da alteridade. Isso ocorre, explica Fernandes (2006), porque ao recusar as leis naturais e a cultura, o bulímico recusa a diferença sexual, a morte e a castração e, conseqüentemente, não reconheceria o outro como um ser distinto de si mesmo. Por fim, estariam recusando o próprio movimento de tempo e as transformações que ele produz no corpo.

Assim, nesse movimento regressivo, a fim de findarmos a apresentação dos ideais da bulímica, pode-se concluir que tais pacientes, por não conseguirem a introjeção do outro, que iria lhe possibilitar a

autonomia, e para não se constatarem fusionadas ao desejo do outro, acabam por contornar tal situação pelo agir bulímico.

#### **4 IDEAIS DA CULTURA E IDEAIS DA BULIMIA**

Após essa sucinta apresentação sobre a cultura pós-moderna e seus valores, bem como a psicodinâmica da bulímica e seus ideais, faz-se necessário investigarmos qual o grau de ressonância que os ideais da cultura estão tendo sobre os ideais da bulímica.

Um dos primeiros ideais da bulímica, também identificado entre os ideais da cultura, refere-se ao jeito sedutor da mesma, à sua necessidade de ser bela a fim de atrair o olhar do outro, pois, como sustenta Jeammet (2003), já descrito em momentos precedentes, este olhar alheio serve de base para sustentação narcísica do sujeito, que se encontra frágil.

De acordo com Abeche (2008), nessa sociedade do consumo, no que se refere ao ideal da beleza, há um desejo dos indivíduos de terem e serem admirados pelo que possuem. Esse contexto faz com que as relações se tornem indiferentes e esvaziadas de um sentido, pois as relações afetivas estão sob o império da quantidade e da variedade; objetivam-se satisfações de desejos e prazeres imediatos, desconsiderando os sonhos, a visão e a subjetividade, tanto de si quanto do outro. Sendo assim, é notório como a bulímica tem adotado um padrão de relação com as outras pessoas, que é típica dos ideais da cultura pós-moderna, relações essas desprovidas de afetos, indiferentes e esvaziadas, nas quais o outro se torna um objeto que supre as necessidades narcísicas dela.

Outros ideais que se encontram na cultura e que acabam ressoando entre os ideais da bulímica, intimamente vinculado à discussão precedente, dizem respeito à recusa da realidade humana, ou seja, segundo Fernandes (2006), a bulímica passa a recusar todos os aspectos que estão vinculados à condição humana, tais como a passagem do tempo, a mortalidade e a alteridade. Com isso, o que estaria predominando seria uma condição de onipotência, de indestrutibilidade, na qual a realidade do próprio corpo, como sendo mortal, passa a ser recusada, mantendo o sujeito na ilusão de um corpo perfeito.

Esta condição da bulímica, de ver seu corpo como indestrutível, imortal e desvinculado da realidade humana, tem sua estirpe entre os ideais da cultura. Assim, essa possível adesão da bulímica a esse ideal da cultura torna-se comprovável a partir da análise da fala de Costa (2006), em que a predominância da moral do espetáculo tem promovido uma ilusória felicidade sensorial. Isso tem feito com que as pessoas busquem manter um minucioso cuidado com o corpo físico, pois, se assim fizerem, obterão satisfação emocional e reconhecimento social.

Dessa forma, pode-se dizer que o ideal da bulímica por um corpo perfeito, indestrutível e imortal surge como uma adesão ao ideal da cultura, que dissemina a felicidade sensorial e espetaculariza o corpo perfeito como uma forma de se obter a suprema felicidade. E mais, para a bulímica ter esse corpo perfeito, além da recusa da morte, como já explanado, também acabará recusando a passagem do tempo e as transformações que ele produz no corpo; só assim ela permaneceria mantendo sua condição de onipotente, de indestrutível e imortal, sustentando sua adesão fiel aos ideais da cultura.

A alteridade, como já sobredito, é outra condição que é encontrada

entre os ideais da bulímica, pois, como apresentado por Fernandes (2006), no momento em que há essa recusa às leis naturais e culturais, como a condição de finitude humana, acaba tendo de recusar que o outro é um ser diferente de si e que, portanto, ambos seriam faltantes. Assim, ao recusar a alteridade, também estaria recusando que há uma diferença sexual entre as pessoas.

É a partir da contribuição de Bauman (2001), com seu conceito sobre fluidez, e dos apontamentos de Abeche (2008), que é possível identificar como o não reconhecimento da alteridade faz parte dos ideais da cultura pós-moderna.

A fruição tem estado presente também nas relações amorosas e, com isso, os indivíduos têm buscado um prazer imediato, de forma a abdicar do tempo que se faz necessário para a construção de uma relação amorosa. Assim, mantém-se uma relação superficial a fim de se evitar qualquer proximidade que possa vir acompanhada de sofrimento, bem como não se dá tempo, nem mesmo condições, para se reconhecer as diferenças, a alteridade e as limitações/ finitude que o outro possui, necessário para a constituição de uma relação.

Por isso, pode-se dizer que esse ideal da bulímica ressoa como mais uma das adesões aos ideais da cultura, em que o outro aparece como mero objeto que pode supri-la ou, pelo menos, sustentá-la em suas falhas narcísicas. Como afirma Lippe (2008), quando os ideais da bulímica não estão em busca de um corpo perfeito, está buscando encontrar uma relação amorosa idealizada, uma criança como objeto de completude ou, até mesmo, um sucesso profissional.

Outros apontamentos que vêm corroborar com a ideia acima

discutida podem ser encontrados nas contribuições de Katz e Costa (1996) e outros, como Bauman (2001) e Costa (2006), os quais apontam para uma cultura que tem apagado as diferenças, inclusive entre as gerações. Tais pesquisadores têm mostrado como as tradições, bem como outros rituais que demarcam transições ou diferenças, têm sido abandonadas, ou mesmo aniquiladas. Com isso, as pessoas não conseguem angariar uma singularidade de forma a diferenciar-se do outro, bem como não percebem esse outro como sendo diferente de si mesmo.

Portanto, a predominância de ideais, como o não reconhecimento da alteridade, a recusa da morte, do tempo, a busca por um corpo perfeito, etc, que são facilmente identificáveis entre os ideais da bulímica, também tem predominado, com bastante evidência, entre os ideais da cultura. Por isso, pode-se concluir, até mesmo servindo como uma forma de ratificar o que já foi apontado em vários momentos antecedentes, que a bulímica tem aderido aos ideais da cultura, fazendo deles a forma prevalente de sustentar seus aspectos narcísicos primários.

## **REFERÊNCIAS**

ABECHE, R. P. C. A que resistir? E o que criar? Reflexões sobre a (des) construção das subjetividades na contemporaneidade. In: BONAMIGO, I. S.; TONDIN, C. F.; BRUXEL, K. (Orgs.). **As práticas da psicologia social com (o) movimentos de resistência e criação**. Porto Alegre, RS: Abrapso Sul, 2008, p. 163-168.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.



BUCARETCHI, H. A. Anorexia e bulimia nervosa: a constituição psíquica. In: BUCARETCHI, H. A. (Org.). **Anorexia e bulimia nervosa: uma visão multidisciplinar**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, J. F. Família e dignidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITOS DA FAMÍLIA, 5., 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: IBDFAM, 2006. p. 15-21.

COUVREUR, C. Fontes históricas e perspectivas contemporâneas. In: BRUSSET, B.; COUVREUR, C.; FINE, A. (Orgs.). **A bulimia**. São Paulo, SP: Escuta, 2003.

DUFOUR, D. R. A arte de reduzir as mentes. **Le Monde Diplomatique**, ano 4, n. 45, out. 2003. Disponível em: <<http://diplo.dreamhosters.com/2003-10,a763.html>> Acesso em: 25 ago 2006.

\_\_\_\_\_. As angústias do indivíduo-sujeito. **Lê Monde Diplomatique**, ano 2, n. 13, fev. 2001. Disponível em: <<http://diplo.dreamhosters.com/-2001-12,r2-.html>>. Acesso em: 01 fev 2004.

FERNANDES, M. H. **Transtornos alimentares: anorexia e bulimia**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2006.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo, SP: Escuta. 1988.

JEAMMET, P. As condutas bulímicas como modalidade de acomodação das desregulações narcísicas e objetais. In: URRIBARRI, R. (Org.) **Anorexia e bulimia**. São Paulo, SP: Escuta, 1999.

\_\_\_\_\_. Desregulações narcísicas e objetais na bulimia. In: BRUSSET, B.; COUVREUR, C.; FINE, A. (Orgs.). **A bulimia**. São Paulo, SP: Escuta,

2003.

KATZ, G.; COSTA, G. P. O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 329-340, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 9. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1967.

LIPPE, D. Transtornos das condutas alimentares e ideal. Tradução Mônica Seincman. In: URRIBARRI, R. (Org.). **Anorexia e bulimia**. São Paulo, SP: Escuta, 2008.

LISONDO, A. B. D. Na cultura do vazio, as patologias do vazio. **Revista Psicanalítica Brasileira**, v. 38, p. 336-341, 2004.

POIAN, C. Inquietações contemporâneas: formas do vazio. p.01-09. Disponível em: <file://C:\DocumentsandSettings\Usuário\Desktop\ProjetoPhenix\INQUIETAÇÃOESC...25/02/2008.> Acesso em: [2010?]

*Recebido em: 24 fevereiro 2011.*

*Aceito em: 17 abril 2012.*